

O OLHAR DA INOCÊNCIA: ANÁLISE DO FOCO NARRATIVO DE *O MENINO DO PIJAMA LISTRADO*

JulieneKely Zanardi²⁰

Sofia Oliveira Nascimento²¹

Bruna Holanda Barbosa Nogueira²²

1) INTRODUÇÃO

O presente artigo se insere nas atividades desenvolvidas no Clube de Letras do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ), que visa ao letramento científico de estudantes do Ensino Fundamental na área de Literatura. A experiência aqui apresentada versa sobre um estudo acerca do narrador como elemento da narrativa.

Tradicionalmente, nas aulas de Língua Portuguesa, o narrador é apresentado por meio de marcas textuais (1^a ou 3^a pessoa) ou por seu nível de inserção na história que narra (personagem ou observador). Costuma ainda ser apresentada a categoria do narrador onisciente, aquele que sabe tudo a respeito da narrativa. O objetivo da pesquisa realizada foi ampliar os conhecimentos acerca do assunto a partir do conceito de foco narrativo, conforme proposto por Gérard Genette (1995).

De acordo com os estudos de Genette (1995), as marcas gramaticais de primeira e terceira pessoa são decorrência de duas atitudes narrativas distintas: apresentar uma história por meio de uma de suas personagens ou por meio de uma figura que se situa fora dela. Assim, o narrador, como identidade da instância narrativa, pode se manifestar das seguintes formas em relação ao seu nível de participação na história (*diegese*) que narra: 1) homodiegético, quando parte de suas vivências como personagem da história para compor o relato (sendo chamado de autodiegético, se for o protagonista da narrativa); 2) heterodiegético, quando relata uma história cujo universo não integra como personagem.

A teoria genettiana não se atém, entretanto, à figura de quem narra, evidenciando também a questão do foco narrativo, i.e., a perspectiva da narrativa, o modo como as informações são apresentadas. A focalização zero ocorre quando o narrador é onisciente, ou seja, detém o conhecimento sobre a totalidade do enredo. Diz-se que há focalização externa quando o conhecimento do narrador é limitado ao que é possível observar do exterior da história. Por fim, a focalização interna se manifesta quando o narrador focaliza determinada personagem, narrando os fatos a partir de sua perspectiva.

²⁰ Professora EBTT do CMRJ – Mestre em Letras e Doutoranda em Letras (UERJ)

²¹ Aluna do 9º ano/EF - CMRJ

²² Aluna do 9º ano/EF - CMRJ

Cabe ressaltar que, de acordo com a perspectiva genettiana, o foco pode se manter fixo ou variar ao longo de uma narrativa. Além disso, há nuances a serem consideradas dentro dessas categorias. Por exemplo, o narrador pode buscar manter uma postura neutra ou se posicionar sobre os fatos narrados, pode contar tudo o que sabe ou decidir omitir informações etc.

A partir de tal arcabouço teórico, as alunas envolvidas na pesquisa empreenderam uma análise do livro *O menino do pijama listrado* (2009), de John Boyne, identificando não apenas o tipo de narrador, mas também aspectos do foco narrativo determinantes para a construção de sentido do texto. Nesse sentido, o conceito de narrador não confiável foi incorporado à pesquisa.

A fim de mostrar os resultados obtidos até o momento, o artigo se divide em duas seções. Primeiramente, será exposto o conceito de narrador não confiável, consoante pesquisa bibliográfica realizada pelas alunas. A seguir, será apresentada uma breve análise do livro em estudo, de acordo com as discussões desenvolvidas.

2) NARRADOR NÃO CONFIÁVEL

O termo "narrador não confiável" foi criado em 1961 pelo crítico literário Wayne Clayson Booth em seu livro *The Rhetoric of Fiction* – em português, *A retórica da ficção* (1980). Essa expressão é utilizada para designar um narrador que tem sua credibilidade comprometida por deixar suas impressões pessoais interferirem na narração dos fatos de uma determinada história.

Segundo Ansgar Nünning (*apud* PORTO, 2022), a não confiabilidade do narrador pode ser definida a partir de dados textuais e/ou do conhecimento de mundo preexistente do leitor. Assim, é percebida por meio de sinais intratextuais, (contradições e/ou mentiras), e extratextuais (acontecimentos que contradizem o conhecimento geral do leitor e a fuga dos parâmetros da lógica).

O pesquisador William Riggan (*apud* PORTO, 2022) identifica quatro tipos de personagens que normalmente se caracterizam como narradores não-confiáveis:

1) O *pícaro*, originado na literatura espanhola, representa o arquétipo do "malandro", um personagem que utiliza artes e meios sujos para atingir seus objetivos. *O Auto da Comadecida*, de Ariano Suassuna, é um exemplo de obra literária na qual o narrador pícaro se faz presente;

2) O *palhaço*, também conhecido como bobo, tem caráter brincalhão e sarcástico, com o objetivo de caçoar de outras pessoas. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, apresenta um narrador tipicamente bobo;

3) O *louco* tem sua confiabilidade comprometida por suas características psicológicas, que geralmente são afetadas por distúrbios. O narrador louco é muito utilizado no gênero suspense, em livros como *Clube da luta*, de Chuck Palahniuk.

4) O *inocente* ou ingênuo possui conhecimento limitado sobre os eventos narrados. Ele não comprehende a real dimensão e os impactos dos acontecimentos da narrativa, sendo comumente enganado no decorrer da história. *Pelos Olhos de Maise*, de Henry James, apresenta um narrador marcado pela ingenuidade.

Embora Riggan estabeleça esses tipos a partir de narradores em primeira pessoa, tal tipologia pode também ser reconhecida em narradores em terceira pessoa, como é o caso de *O menino do pijama listrado*, conforme a análise que será apresentada na seção a seguir.

3) O MENINO DO PIJAMA LISTRADO – UMA ANÁLISE

O livro *O menino do pijama listrado*, de John Boyne, foi escrito em 2006. A narrativa se passa no contexto do Holocausto, durante a Segunda Guerra Mundial, e narra a mudança de Bruno e sua família, chefiada por um oficial nazista (pai de Bruno), para uma casa em um campo de concentração na Polônia. Bruno tem 9 anos e não entende nada sobre o nazismo ou o motivo de ter de se mudar para uma região isolada. Em uma de suas explorações, ele conhece Shmuel, um menino judeu que está no campo de concentração e usa um "pijama listrado". Os dois têm muito em comum e, conforme sua amizade cresce e a narrativa se desenrola, Bruno tenta entender o motivo de estarem separados pela cerca.

A história é narrada em terceira pessoa e não há elementos que mostrem que o narrador seja uma personagem caracterizando assim um narrador heterodiegético. Ele narra do ponto de vista de Bruno, apresentando seus pensamentos e sentimentos. As demais personagens são, dessa forma, representadas sob a perspectiva do menino e o narrador até mesmo incorpora em sua narração termos equivocadamente empregados por Bruno, como "Haja-Vista", em vez de Auschwitz, e "Fúria", em vez de "Führer". Ocorre, portanto, focalização interna, pois os fatos são narrados de acordo apenas com o que determinada personagem sabe, nesse caso, Bruno. Em uma entrevista ao site G1, o próprio autor John Boyne (2010), que não é judeu, afirma que escolheu esse foco justamente porque "Bruno tem uma distância e uma inocência que é próxima daquela que um escritor não-judeu teria".

Em diversos momentos, é revelado que Bruno não comprehende totalmente acontecimentos importantes da narrativa ou muitas vezes até se engana sobre eles, o que o caracteriza como uma personagem "inocente". Isso é demonstrado, por exemplo, no décimo capítulo quando, ao explorar as proximidades da cerca que vê de sua janela, encontra Shmuel. No decorrer do diálogo entre os dois meninos, eles descobrem que têm muito em comum, como o fato de terem sido obrigados a se mudar para aquele lugar. Bruno, entretanto, não entende que se mudaram por motivos diferentes e que Shmuel vivia em condições precárias ali. Ele considera sua posição até mesmo inferior à do novo amigo, pois pensa que Shmuel podia brincar o dia todo com os outros meninos, enquanto ele ficava sozinho:

Outro exemplo que demonstra a inocência de Bruno refletida na voz do narrador se encontra no sétimo capítulo do livro, em que o menino se machuca após cair de um balanço. Pavel, um servente da casa, se dispõe a ajudar Bruno, que lida exageradamente com o ferimento, dizendo que poderia “sangrar até a morte” (BOYNE, 2009, p. 74). Pavel tenta tranquilizar o menino, dizendo que não é um machucado grave, ao que Bruno retruca que somente um médico poderia avaliar a dimensão da ferida. Quando Pavel diz que praticava a medicina antes de ir para Haja-Vista, Bruno se surpreende e até duvida da informação, pois não entendia os motivos que levaram um médico a descascar legumes em uma casa isolada.

Mais tarde, a mãe de Bruno chega em casa, e, após ver o ferimento do filho, orienta Pavel a dizer que foi ela quem cuidou do machucado. Para Bruno, isso pareceu, segundo a voz do narrador, “uma coisa terrivelmente egoísta, e uma maneira de a mãe levar o crédito por algo que não fez” (BOYNE, 2009, p. 79). O capítulo representa, portanto, de forma nítida a inocência e a falta de conhecimento de Bruno, que não entendia o motivo que levou Pavel a deixar de exercer a medicina e as reais intenções de sua mãe, ao tomar os créditos pelo curativo.

Tais exemplos mostram como Bruno não tem real entendimento do que se passa à sua volta e o narrador, por sua vez, apenas reproduz as percepções de menino, sem demonstrar o equívoco de suas interpretações. Tampouco coloca em evidência a visão de outras personagens de forma a deixar perceptível o caráter contestável das conclusões do protagonista. Assim, cabe ao leitor recorrer ao conhecimento histórico que tem sobre o nazismo para, por exemplo, perceber que Shmuel e Pavel são prisioneiros submetidos a condições desumanas em Haja-Vista - na realidade, o campo de concentração de Auschwitz, como sugere a localização apontada por Shmuel (a Polônia) e é confirmado pelo próprio autor em entrevistas.

Assim, o livro *O menino do pijama listrado* apresenta um narrador não confiável, pois, ao eleger Bruno, uma personagem inocente que tem conhecimento limitado sobre o que acontece, como foco da narrativa, os fatos são apresentados ao leitor de forma imprecisa. Este precisa recorrer a conhecimentos extratextuais para uma adequada interpretação dos fatos.

4. CONCLUSÃO

O livro *O menino do pijama listrado* retoma um tema já tratado em diferentes obras literárias: o nazismo. No entanto, o aborda sob uma nova perspectiva: a de uma criança que não entende o que se passa ao seu redor. Além de não ser judeu, Bruno é filho de um oficial nazista, o que limita ainda mais sua percepção sobre o assunto. Justamente por não compreender os fatos, inicia uma amizade improvável com Shmuel, um menino judeu preso no campo de concentração que é comandado por seu pai, e, por isso, acaba tendo um destino trágico ao lado do amigo. Esse olhar inocente do protagonista, reproduzido pelo narrador, nos mostra que a guerra, embora especialmente cruel para certos grupos de pessoas, deixou, afinal, sequelas em ambos os lados e, portanto, deve ser lembrada para não ser repetida.

REFERÊNCIAS

- BOOTH, W. C. *A retórica da ficção*. Lisboa: Arcádia, 1980.
- BOYNE, John. *O menino do pijama listrado*. Rio de Janeiro: Seguinte, 2009.
- BOYNE, John. 'Nunca soube que escreveria um livro sobre o Holocausto', diz John Boyne.[Entrevista cedida a] Amauri Stamboroski Jr. G1, São Paulo, 15/08/2010. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/08/nunca-soube-que-escreveria-um-livro-sobre-o-holocausto-diz-john-boyne.html>. Acesso em 02 jun. 2022.
- GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, 1995.
- PORTE, Marco Antônio Lima. *WebcomicUnspoken*: o narrador não confiável nos quadrinhos digitais. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Animação) – Centro de Comunicação e Expressão Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.